



APONTAMENTOS PARA A ANÁLISE DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS A PARTIR DO MÉTODO HISTÓRICO- DIALÉTICO

Maria José Pires Barros Cardozo [*]

Maria Lília Imbiriba Sousa Colares [**]

Anselmo Alencar Colares [***]

[*] Doutora em Educação (UFC). Professora do Departamento de Educação II da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0059-7006>. E-mail: maria.cardozo@ufma.br.

[**] Doutora em Educação pela Unicamp. Professora Titular na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Coordenadora Adjunta do PPGE/Ufopa e do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR/Ufopa). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5915-6742>. E-mail: liliacolaress@gmail.com.

[***] Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Titular na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Pesquisador Produtividade CNPq/Brasil e Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1767-5640>. E-mail: anselmocolares@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo objetiva tratar dos caminhos investigativos das políticas educacionais que se fundamentam no materialismo histórico-dialético. Está ancorado em estudos bibliográficos e na experiência dos estudos e pesquisas desenvolvidos ao longo da nossa trajetória acadêmica e docente. Situamos o Método Histórico-Dialético (MHD), destacando a relação de organicidade entre o processo de produção do conhecimento e a realidade histórico-social na apropriação do real em sua concretude, gênese e múltiplas determinações. Enfocamos a relação sujeito-objeto, as categorias contradição, totalidade, reprodução, mediação e hegemonia; destacamos a questão relativa à escolha do tipo de pesquisa e procedimentos de coleta e síntese de dados. Concluímos que as pesquisas sobre políticas educacionais podem contribuir tanto para o desvelamento do real, quanto para a transformação da realidade em função da emancipação humana.

Palavras-chave: Método dialético. Pesquisa. Metodologia.



INTRODUÇÃO

O interesse para a escrita do presente artigo advém dos estudos sobre metodologia de pesquisa para a análise das políticas educacionais, em especial, das perspectivas cujas abordagens têm como fundamento epistemológico o materialismo histórico-dialético. Portanto, nestas páginas sintetizamos algumas reflexões acerca dos pressupostos para os estudos e pesquisas a partir do método dialético, tais como os desenvolvidos por Cardoso (1976, 1977), Löwy (1994), Cury (1995), Frigotto (2001), Chagas (2011), Kosik (1995), Mészáros (2002, 2009), Colares (2011), Colares; Arruda; Colares (2021), dentre outros. Desta forma, discorreremos sobre as questões teórico-metodológicas que fundamentam as pesquisas em políticas educacionais referenciadas em Marx (1991, 1983), tendo como base o modo de produção capitalista, o Estado e as mediações das lutas de classes em torno da Educação Pública.

Nesse sentido, iremos situar o Método Histórico-Dialético (MHD), destacando a relação de organicidade entre o processo de produção do conhecimento e a realidade histórico-social na apropriação do real em sua concretude, gênese e múltiplas determinações. Partimos da compreensão de que o MHD é um procedimento de reconstrução categorial de um objeto de estudo, que nos permite expor sua lógica interna de acordo com os nexos que a análise apreendeu entre suas determinações (MÜLLER, 1982). A escolha dos aportes teóricos dessa concepção epistemológica justifica-se, também, pelo fato de que ela nos fornece elementos para entendermos as imbricações dialéticas da relação entre estrutura e superestrutura, determinações e sujeitos. Aspectos fundamentais para que, a nosso ver, seja possível compreender a totalidade e as singularidades que estão presentes em nosso cotidiano e constituem os diversos contextos nos quais nos movemos.

Na primeira parte do texto apresentamos os enunciados centrais do MHD e algumas de suas categorias que entendemos serem imprescindíveis para a compreensão da sociedade, que emergiu a partir da modernidade e cujo modo de produção se tornou hegemônico. Na sequência procuramos demonstrar que os sistemas educativos são, de certa forma, submissos às concepções da classe dominante, pilares da reprodução e perpetuação da ordem social que se estrutura na propriedade privada dos meios de produção. Portanto, carregam um forte viés ideológico que se manifestam nas políticas que colocam em ação, mesmo que, **Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n.1, p. 1-18, e-rte321202348, 2023.**



contraditoriamente, estas possam também expressar anseios e contemplar reivindicações dos segmentos marginalizados. Desta forma, sinalizamos para a importância e a necessidade de atentarmos para a totalidade do movimento histórico e, ao mesmo tempo, para as singularidades que estão presentes nas políticas educacionais e que precisam ser estudadas mais a fundo caso se almeje compreender como tais políticas são instituídas e implementadas.

ESCOPOS DO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO NO PROCESSO DO CONHECIMENTO

O materialismo refere-se às condições materiais da existência humana tendo em vista o princípio ontológico da matéria. Já a categoria histórico supõe a compreensão da existência humana no movimento contínuo e interativo com a natureza, onde a espécie humana diferente das demais espécies, faz uso do aprendizado para que além de se adaptar, principalmente possa modificar a natureza para construir sua existência e implica a apreensão dos condicionantes históricos e sociais tendo o trabalho como aspecto central. A dialética, por sua vez, pressupõe o movimento das contradições produzidas na história e que se acentuam nas sociedades divididas em classes nas quais os meios de produção e os avanços tecnológicos, sendo privatizados, possibilitam o extraordinário desenvolvimento das forças produtivas e geração de riquezas ao mesmo tempo em que aumenta a miséria, as desigualdades e a exclusão social.

Nesse sentido, para a compreensão dos pressupostos do processo de produção do conhecimento tendo como fundamento o materialismo histórico e dialético é imprescindível desvelar os processos de produção da existência humana tendo em vista que a matéria existe independentemente da consciência do sujeito, sem desconsiderar a práxis como ação transformadora do sujeito e do objeto. Assim, “O materialismo histórico, desenvolvido por Marx e Engels, funda-se no imperativo do modo humano de produção social da existência” (COLARES, 2011, p. 190).

Frigotto (2001, p.73), acentua que a inter-relação pensamento e atividade deve ser compreendida como ponto de partida e de chegada em todas as esferas da existência. Desta forma, o MHD está presente na teoria e na prática:



(...) enquanto postura, ou concepção de mundo; enquanto método que permite uma apreensão radical [...] da realidade e, enquanto práxis, isto é, unidade de teoria e prática na busca da transformação e de novas sínteses no plano do conhecimento e no plano da realidade histórica (FRIGOTTO, 2001, p.73).

Destaca-se, que nos escritos de Marx não tem uma obra específica sobre o seu método de pesquisa, mas podemos perceber em suas obras várias passagens e fragmentos que nos permitem compreender a sua proposta para a produção do conhecimento, por exemplo, no prefácio da primeira edição do *Capital* ele escreve claramente o seu objeto de pesquisa e afirma que a sua intenção é estudar “[...] o modo de produção capitalista e suas relações correspondentes de produção e circulação” (MARX, 1983, p. 20). Marx procura a lei da transformação, do desenvolvimento e da transição do modo de produção capitalista para outra forma de sociabilidade. Assim, o ponto de partida são as “determinações objetivas do arcabouço estrutural efetivamente dado da sociedade, com suas contradições realmente existentes e antagonismos inextirpáveis” (MÉSZÁROS, 2009, p. 261).

Marx procurou construir uma investigação partindo da crítica ao sistema hegeliano e aos economistas clássicos que debilitam o intento crítico. A esse respeito Marx (1983), pontua que eles ao analisarem a economia política, identificam-se com os pontos de vista do capital, sistematizando e proclamando como verdades externas as ideias dos interpretes da burguesia capitalista, como se fossem as melhores do mundo. A crítica a essa visão ele fez ao delimitar como objeto de investigação, a produção burguesa moderna. Para Marx os indivíduos não podem ser tomados, como aparecem na economia política, atomisticamente, uma vez que participam de sociabilidades, e são interligados pelas complexas relações que os determinam como seres históricos e sociais. Ou seja, “Na perspectiva materialista histórico e dialética de Marx e Engels, o universo e tudo o que nele há tem existência material, concreta, e pode ser racionalmente conhecido (...)” (COLARES; ARRUDA; COLARES, 2021, p. 5).

Para tanto, o método histórico-dialético configura-se como um processo que parte do empírico ao concreto pensado através de abstrações, análises e sínteses, mediadas pelo processo histórico. Portanto, segundo Marx o correto é iniciarmos pelo real-concreto, pois não existem leis abstratas, uma vez que cada período histórico possui as suas próprias leis. Isso não significa, todavia, um relativismo ou subjetivismo nem tampouco relações de causa e efeito. Importa estar atento para as mediações que se processam produzindo as



transformações. Nesse sentido, a pesquisa segundo Kosik (1995, p.37), requer: minuciosa apropriação da matéria, pleno domínio do material, nele incluídos todos os detalhes históricos aplicáveis, disponíveis; análise de cada forma de desenvolvimento do próprio material; investigação da coerência interna, isto é, determinação da unidade das várias formas de desenvolvimento.

Mészáros (2009), pontua que qualquer investigação que tenha como base o MHD deve considerar a mediação como uma das principais categorias teórico-práticas.

Teórica porque em vista da magnitude do desafio que temos de enfrentar, nada pode ser conquistado com êxito sem uma concepção *intelectualmente coerente* e verdadeiramente *abrangente* da mediação. E, na prática, porque é impensável instituir na ordem social estabelecida as mudanças qualitativas exigidas sem adotar as formas apropriadas de *mediação prática* que podem fazer historicamente viável no futuro nosso ineludível modo de reprodução sociometabólica-como seres *mediados* por si próprios da natureza que devem assegurar até no mais longo prazo suas condições de existência numa interação plenamente adequada com a natureza (MÉSZÁROS, 2009, p. 277).

Em relação às categorias Cury (1995) aponta cinco que são fundamentais para a compreensão dos fenômenos na perspectiva dialética: contradição, totalidade, reprodução, mediação e hegemonia. A **contradição** refuta a concepção de linearidade, pois expressa “relações de conflito no devir do real entendimento” (CURY, 1995, p.30), uma vez que, nada existe em permanência. “Cada coisa é uma totalidade de movimentos e de momentos que se envolvem profundamente, e cada uma contém os momentos provenientes de suas relações, de sua gênese e de sua abertura” (CURY, 1995, p.30). Portanto, toda realidade é passível de superação. Já a **totalidade** procura a conexão dos aspectos particulares, portanto, “implica uma complexidade em que cada fenômeno só pode vir a ser compreendido como um momento definido em relação a si e em relação aos outros fenômenos” (CURY, 1995, p. 36). Há uma relação dialética entre a totalidade e a contradição, uma vez que “o real pode ser entendido como um todo que implica sua criação, processos de concretização, estruturação e finalidade, num conjunto de elementos em que a negatividade se faz presente” (CURY, 1995, p. 35).

A categoria de **reprodução** aponta para o fato de que o modo de produção capitalista procura reproduzir as relações de produção. “A reprodução de suas relações implica mais do que uma (re)produção de coisas” (CURY, 1995, p. 39), ou seja, busca a reprodução do

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n.1, p. 1-18, e-rte321202348, 2023.



movimento do “capital social como um todo” (CURY, 1995, p. 39). O modo de produção procura se reproduzir, mesmo que, com algumas mudanças que não são estruturais, mas visam mantê-lo. A categoria **mediação** “deve ser ao mesmo tempo relativa ao real e ao pensamento” (CURY, 1995, p. 43), pois o homem é mediador das relações sociais e, portanto, sujeito da práxis. A categoria de **hegemonia**, por sua vez pressupõe a compreensão de que a ideologia “tem um caráter de classe, e sua presença se faz dentro de uma totalidade concreta, cujo movimento é contraditório” (CURY, 1995, p. 49), em que concepções de sociedade, valores e relações sociais devem ser consideradas no movimento contraditório das ideologias das classes dominantes e dominadas.

Há compreensão dessas categorias que expressam os aspectos essenciais do modo de produção capitalista, bem como das contradições fundamentais em um dado contexto histórico, pois

(...) embora as ideias, as representações, sejam produzidas pelos homens, elas, e todas as formas de educação, como a moral, a teologia, a filosofia e qualquer ideologia, não são desligadas dos fatos, desprovidas de pressupostos, incondicionadas, autoengendradas, mas são expressões ideais de circunstâncias reais, das condições de existência, extraídas do mundo real, isto é, têm como raiz, como fonte primária, a produção e o intercâmbio material da vida social humana (CHAGAS, 2011, p. 62).

Face ao exposto, ao investigarmos um dado fenômeno da política educacional, na perspectiva do MHD, devemos ter o domínio do método de investigação e, situarmos o objeto em sua totalidade, problematizando a parte da totalidade a ser conhecida, mediante o conhecimento minucioso dessa parte, abstraindo seus elementos parciais, com suas mediações com o todo, conforme expõe Kosik (1995), a compreensão dialética da totalidade foi essencial, pois ela significa

(...) não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes (KOSIK, 1995, p. 50).

Como a realidade é uma totalidade indivisível, delimitamos uma dimensão deste todo para a análise, apropriando-nos deste objeto mediante uma “[...] construção feita pelo pensamento, portanto, abstratamente [...]” (CARDOSO, 1977, p. 6), sem, contudo, negarmos a existência da realidade independentemente do sujeito e exterior a ele, mas entendendo que o **Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n.1, p. 1-18, e-rte321202348, 2023.**



conhecimento é o conhecimento de uma realidade que deixa de ter existência imediata, para transformar-se numa realidade mediada pelo sujeito, não de forma imediata, “[...] mas mediada pelas relações que o pensamento elaborou [...]” (CARDOSO, 1977, p. 6).

Nessa perspectiva, a pesquisa em políticas educacionais deve se preocupar com a análise dos objetos em suas particularidades, considerando as conexões entre o todo e as partes e vice-versa. Ou seja, a compreensão do objeto pesquisado não poderá ser desarticulada da totalidade em que essas políticas são pensadas, implementadas e avaliadas. A apreensão do objeto investigado supõe a compreensão do todo, das partes constituintes desse todo e das relações entre as partes e a totalidade. Por conseguinte, a compreensão do particular requer a compreensão do geral em que esse particular está inserido, uma vez que, cada objeto pesquisado tem um valor em si, mesmo que já tenha sido objeto de estudos anteriores, pois em cada momento histórico, ele é produto das circunstâncias e dos sujeitos que o vivenciam. Assim, sem perdermos de vista a relação e o condicionamento recíproco entre o todo e as partes, na parte podemos apreender o todo, de forma que quanto mais nos inserirmos no específico, mais será possível captar os elementos que nos possibilitarão a apreensão da totalidade com suas mediações e múltiplas determinações. Pois, (...) o método dialético exige que o conhecimento apreenda as determinações do conteúdo no próprio movimento pelo qual elas se desdobram, estabelecendo as conexões necessárias e imanentes entre elas (MÜLLER, 1982, p. 24).

Nesse processo de abstração, Marx pontua que inicialmente temos apenas uma representação “caótica”, ou seja, ao isolarmos uma parte da totalidade para conhecer não podemos deixar de considerar as múltiplas determinações do objeto investigado. Para tanto, a observação direta do fenômeno é importante, mas não é suficiente.

Segundo Kosik (1995), os modelos empiristas, dedutivos e analíticos não captam o fenômeno pesquisado na sua unidade e diversidade. Os procedimentos de coleta e análise de dados são fundamentais para atingirmos o concreto pensado, uma vez que “a essência da coisa, a estrutura da realidade, a ‘coisa em si’ o ser da coisa, não se manifesta imediatamente” ao pesquisador. É necessário um “esforço sistemático e crítico que visa captar a coisa em si, a estrutura oculta da coisa, descobrir o modo do ser existente. Para tanto, é necessário traçar um percurso teórico-epistemológico coerente com a historicidade do objeto investigado, ou seja,



com o movimento histórico e dinâmico do qual o objeto de pesquisa é originário, com suas contradições e relações de reciprocidade e mediações com outros objetos (KOSIK, 1995, p. 14).

Desse modo, partimos do pressuposto de que a apreensão e o desvelamento das contradições inerentes a um objeto de estudo só são possíveis quando entendemos que a essência de um fenômeno não se manifesta imediatamente ao sujeito. Inicialmente, tem-se somente a manifestação aparente de um aspecto desse fenômeno e não ele por inteiro. Portanto, o desvendar de um objeto supõe a necessidade de descobrirmos a essência oculta de tal objeto. A partir dos dados empíricos a realidade é observada pelo sujeito, primeiramente em sua aparência e posteriormente em sua essência, possibilitando o entendimento e o desvelamento dos fenômenos pesquisados, diferenciando o que é aparente do que é essencial. Conforme adverte Kosik:

Antes de iniciar qualquer investigação, deve-se possuir uma segura consciência do fato de que existe algo susceptível de ser definido como estrutura da coisa, essência da coisa, “coisa em si” e de que existe uma oculta verdade da coisa, distinta dos fenômenos que se manifestam imediatamente (KOSIK, 1995, p.17).

No decorrer da investigação a construção da relação sujeito-objeto não pode ser dicotomizada. À medida que superamos a dicotomia entre ambos e colocamos os elementos fundamentais da relação cognitiva em um todo maior envolvente, relacionando condições materiais e históricas que mediatizam essa relação, construímos uma dimensão histórico-social e ao mesmo tempo estabelecemos uma relação dinâmica com o objeto estudado - construído - no decorrer do processo de investigação, produzindo uma transformação no sujeito, que é enriquecido constantemente nessa relação historicamente determinada pelo contexto social e pelas condições concretas em que essa relação ocorre. Essa relação não é algo dado, mas um processo em que a realidade objetiva deve ser transformada em leis do pensamento, isto é, em conhecimento, em que o “[...] concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida [...]” (MARX, 1991, p. 16). Dessa relação advém a questão do objeto construído a partir dos condicionantes econômicos, históricos, políticos e culturais da complexidade da realidade social. Assim, a investigação em políticas educacionais procura responder às questões do objeto que é construído socialmente.



Portanto, a investigação é diferente da exposição. A exposição designa a forma como o objeto suficientemente apreendido e analisado desenvolve suas articulações próprias e como o pensamento as desenvolve em suas determinações conceituais, desvelando adequadamente o movimento do real (MARX, 1983). É a análise crítico-objetiva da lógica do objeto, do seu movimento efetivo, ou seja, é a representação do próprio conteúdo, expressando o movimento efetivo do real e movimento sistemático do objeto. Desta forma

É mister, sem dúvida, distinguir, formalmente, o método de exposição do método de pesquisa. A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão interna que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção a priori (MARX, 1983, p. 16).

Na viagem inversa, a exposição da síntese - do corpo conceitual - contém lacunas e inconclusões, contudo, isso não altera o conjunto do texto exposto, pois a identidade do objeto foi estabelecida na síntese do texto final. As aproximações não estão prontas e acabadas pois a realidade conhecida é sempre um processo em construção. O caráter inconcluso do conhecimento revela que:

O processo de teorização não é um reflexo direto e mecânico da realidade no plano do pensamento, bem como as teorias não são verdades reveladas. São sempre resultado de um trabalho difícil e complexo para conhecer o seu objeto, utilizando as teorias e as experiências anteriores, tentando ultrapassá-las e as múltiplas formas do seu reconhecimento, através do estabelecimento do fato científico e do tratamento rigoroso dado a sua relação com ele (CARDOSO, 1976, p. 66).

Portanto, a síntese da investigação deve ter coerência e concisão, demonstrando a compreensão das múltiplas determinações, as relações, as contradições e mediações que constituem e explicitam o objeto pesquisado. O texto da síntese estabelece articulações e conexões entre os referenciais teóricos e os dados coletados. Nesse momento é fundamental que tenhamos uma vigilância epistemológica, teórica e técnica para expor ao debate o movimento real da pesquisa (FRIGOTTO, 2001). Assim sendo, o momento da síntese é fundamental para que o pesquisador saia da aparência e possa construir uma compreensão mais aproximada da essência.



Pela síntese a investigação apresenta as mediações entre as partes, das partes com a totalidade e da totalidade com as partes (KOSIK, 1995), para que sejam expostas as determinações complexas da totalidade que não foram apresentadas nos primeiros momentos da pesquisa, conforme pontua Marx:

O concreto é concreto porque é síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação (MARX, 1991, p. 16).

A síntese revela o caráter aproximativo do conhecimento e, as contradições inerentes a todas as coisas, tanto as materiais quanto as que estejam na subjetividade. Assim, a síntese deverá revelar o movimento, a ligação e a unidade resultantes da relação entre os contrários, que na oposição dialética incluem-se ou excluem-se um no outro, destroem-se ou se superam. O texto da exposição explicará a complexidade do real com suas múltiplas determinações, superando o primeiro momento caótico – aparência – para revelar a essência do objeto, pois existe uma relação contraditória entre o que é aparente e o que é essencial. A esse respeito Kosik esclarece que:

O fenômeno não é radicalmente diferente da essência, a essência não é uma realidade pertencente a uma ordem diversa da do fenômeno. Se assim fosse efetivamente, o fenômeno não se ligaria à essência através de uma relação íntima, não poderia manifestá-la e ao mesmo tempo escondê-la; sua relação seria reciprocamente externa e indiferente (KOSIK, 1995, p. 16).

O pensamento expressa a compreensão do real concreto teoricamente, explicitado em toda a sua complexidade com análises das contradições internas da realidade. Esse conhecimento não pode ser desvinculado da prática histórico-social. O pesquisador também é um sujeito que está produzindo sua existência material e social. Se a práxis é a finalidade do conhecimento é nela que o conhecimento poderá ter veracidade ou ser refutado. Sem a práxis não haveria conhecimento, portanto, a ciência não teria nenhum sentido.

Nesse processo, é mister considerar, também, como pontua Mészáros (2009), as mediações de primeira ordem e de segunda ordem. As de primeira ordem referem-se à mediação entre os seres humanos e a natureza para garantir as condições de existência. Já as de segunda ordem são impostas pelo capital para garantir a sua reprodução. Nesta última, a **Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n.1, p. 1-18, e-rte321202348, 2023.**



questão da relação entre o Estado e a Sociedade Civil é fundamental para a compreensão das políticas educacionais, considerando que o Estado capitalista,

Representa a estrutura global de comando de um sistema profundamente integrado por meio do qual o Estado capitalista pode prover a *garantia definitiva* para a perpetuação das relações de poder antagônicas materialmente bem estabelecidas de dominação e subordinação, com o capital e não a imaginária “soberania mediadora” como seu ápice (MÉSZÁROS, 2009, p. 281) (Grifos do autor).

Sendo o Estado, desde o ponto de vista marxista, o grande comitê gestor dos interesses da sociedade burguesa capitalista a qual se sustenta na produção e circulação de excedentes sem levar em conta as necessidades de quem produz, mas tão somente os ganhos oriundos das trocas – e que nesta etapa da financeirização – vão além dos bens materializados. Para a sua continuidade, o modo de produção que se tornou dominante, requer a reprodução das condições materiais e também das justificativas ideológicas que mantem sob controle a grande maioria da população produtora das riquezas e despossuída dos seus benefícios, vivendo à margem das melhorias propiciadas pelo desenvolvimento das forças produtivas.

As análises das políticas educacionais não podem descurar da tendência dominante da mundialização das forças político-econômicas das grandes corporações transnacionais e especulativas do capital financeiro que buscam garantir e estimular a intensificação da centralização do capital, compreendido como processo nacional e internacional que resulta de fusões e aquisições orquestradas pelos investidores financeiros e seus conselhos (CHESNAIS, 1996). Portanto, as nossas pesquisas devem atentar para a dimensão econômica no processo de produção e reprodução do capital. A sociedade burguesa desde seu advento busca se reproduzir e expandir mantendo a lógica perversa e contraditória que podemos sintetizar com a afirmativa de que quanto mais produz riqueza mais aumenta a miséria, uma vez que não está em causa a superação, e sim a manutenção da desigualdade social. Ou seja, “(...) la sociedad burguesa, presenta tendencias que tácita o explícitamente idealizan un orden social, puesto que son parte de tal orden y deben velar consciente o inconscientemente por su reproducción, no por su superación, sino por el mantenimiento de la desigualdade” (ZÚÑIGA, 2009, p. 11).

Nessa perspectiva, Mézáros (2009), destaca que se temos o desafio histórico de irmos para além do capital, as classes sociais e a luta de classes também devem ser inseridas em nossas pesquisas, considerando a contradição entre o capital e o trabalho. Pois se as relações

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n.1, p. 1-18, e-rte321202348, 2023.



de produção se reproduzem e se ampliam, também as contradições se ampliam e se aprofundam, porque as relações de classe são contraditórias (CURY, 1995, p. 39).

A apreensão da realidade requer uma concepção teórica e metodológica que fundamente o processo investigativo, pois “[...] é necessário pensar o objeto, utilizando o conhecimento disponível sobre ele” [...] (CARDOSO, 1977, p. 5). Esse resgate nos possibilita a análise do objeto no seu acontecer histórico, não apenas no quadro histórico do momento, mas na sua origem, pois os fenômenos sociais e culturais são produzidos e transformados pela ação dos homens (LÖWY, 1994).

Daí, como afirma Zúñiga

la necesidad y la urgencia de estudiar aun más, como operan internamente los sistemas educativos para lograr efectivamente la reproducción del orden social, para ello se requerirán estudios cuya puesta en práctica tiene en el marxismo, un aparato teórico- metodológico y explicativo fuerte para llevar a buen fin tal propósito (ZÚÑIGA, 2009, p. 12).

Nesse momento a pesquisa bibliográfica é importante, pois possibilita a construção de um quadro referencial para clarificar a lógica de construção teórica-metodológica do objeto investigado e das categorias e constructos relevantes para subsidiar a análise dos dados. Esse procedimento permite abstrair elementos que possibilitam a identificação e análise das relações e mediações que o objeto estabelece “utilizando o conhecimento disponível sobre ele” (CARDOSO, 1977, p. 5).

Além da pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental também é importante para as investigações das políticas educacionais, pois os documentos são frutos de informações, tendências, e proposições que expressam as intencionalidades e as contradições do momento histórico em que foram produzidos. São variadas as técnicas de análise documental, mas propomos estabelecer relações “[...] entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas (por exemplo: condutas, ideologias e atitudes) dos enunciados [...]” (BARDIN, 2004, p. 36). Se o objetivo da investigação é ir além das aparências, a análise documental pode ser reinventada a cada momento, pois a intenção é a produção de “[...] inferências de conhecimentos relativos às causas e consequências de determinado enunciado [...]” (BARDIN, 2004, p. 25). Portanto, consideramos que as estruturações particulares das relações entre as palavras e os sentidos das palavras expressam relações de hegemonia,
Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n.1, p. 1-18, e-rte321202348, 2023.



subjetividades e ideologias. Nesse sentido, é importante o cotejo com os autores dos estudos da pesquisa bibliográfica, para a análise crítica das inconsistências, limites e objetivos explícitos e implícitos dos elementos constituintes dos documentos.

Convém, ressaltar, ainda o caráter indispensável de utilização de técnicas em qualquer investigação, desde que não sejam empregadas como um fim em si mesmas, bem como, à necessidade de utilizarmos tanto as informações de cunho quantitativo como as qualitativas, levando em conta o princípio do movimento, pois estão inter-relacionadas como “[...] duas fases do real movimento cumulativo e transformador, de tal maneira que não podemos conceber uma sem a outra, nem uma separada da outra [...]” (GAMBOA, 2013, p. 105). O autor referenciado aponta ainda que

A relativização das técnicas quantitativas ou qualitativas com relação a um conjunto maior, sem dúvida, ajudará a compreender sua dimensão no conjunto dos elementos da pesquisa e a revelar suas limitações de tal maneira que, para serem consideradas como modelos científicos, precisam ser articuladas a outros elementos mais complexos (GAMBOA, 2013, p. 87).

Como as técnicas são a expressão prático-instrumental do método a relação entre quantidade e qualidade expressa a mediação dos elementos da realidade no processo de captação do fenômeno estudado em suas relações com os demais fenômenos no conjunto das manifestações da totalidade social. Assim as técnicas quantitativas e qualitativas “para serem consideradas como opções na definição de alternativas da investigação ou como modelos científicos, precisam ser articulados a outros elementos mais complexos” (GAMBOA, 2013, p. 87).

Na investigação e na exposição dos resultados faz-se necessário a coerência teórica e metodológica presente na MHD, decorrente das observações e elaborações de Marx a respeito da classe que controla os meios de produção material e, ao mesmo tempo, as ideias circulantes. Claro que tal classe “efectuará un despliegue sistemático de sus concepciones de mundo, de sus valores, y de su pensamiento, cuyo objetivo es imponer sus construcciones y referentes conceptuales” (ZÚÑIGA, 2009, p. 7).

Ressaltamos que sendo o trabalho o que define a história humana, e como o homem se constitui no e pelo trabalho, conseqüentemente, o processo de produção da existência humana coincide com a sua formação. Como o trabalho e a práxis humana são o fulcro da formação

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n.1, p. 1-18, e-rte321202348, 2023.



humana, a linguagem, a consciência e a cultura são elementos da educação. Nesse sentido, o estudo da educação e das políticas educacionais, deve considerar que o homem é um ser que se constrói no conjunto das relações sociais. Portanto, o caráter educativo é imanente a toda história de formação do homem (ENGUITA, 1993).

Nessa perspectiva, a educação ultrapassa as instituições formais, pois os processos cotidianos que perpassam o intercâmbio social baseado na mercadoria, atuam fazendo com que eles introjetem as formas de funcionamento das relações reificadas do capitalismo (MÉSZÁROS, 2005). Se o homem se forma mediante a apropriação dos resultados da história e objetiva-se no interior dessa história, podemos considerar que a relação entre a objetivação e a apropriação se efetiva nas relações com outros sujeitos. Assim, a apropriação não é separada do processo educativo.

São esses aspectos que as pesquisas em políticas educacionais devem considerar a partir de categorias que explicitem a realidade com suas conexões e relações. As categorias epistemológicas e teóricas dependem das condições concretas do contexto e do pesquisador. Elas “são relativas, ao mesmo tempo ao real e ao pensamento” (CURY, 1995, p.22), portanto, não são estáticas, mas instrumentos que possibilitam a compreensão da realidade com base na perspectiva e na posição epistemológica do pesquisador.

NOTAS FINAIS

Ao assumirmos a postura dialética, em um percurso investigativo sobre as políticas educacionais, não podemos cair em simplismos, afirmações absolutizadas e conclusões que não evidenciem os aspectos essenciais do tema investigado e que estejam ocultados ou desvirtuados pela ideologia a serviço do modo de produção dominante. Sem perder de vista que o conhecimento é provisório, parcial e relativo - constituinte da parte de um todo -, e sua produção ocorre através de aproximações sucessivas e profundas, haja vista o caráter inacabado do real. Contudo, isto não significa que somente possamos conhecer o singular e o particular e que a totalidade seja uma dimensão não acessível à consciência, mas que podemos ir sempre além do ponto de partida, considerando a concretude, a totalidade e a dinâmica dos fenômenos sociais, que são construídos historicamente. “A construção do materialismo histórico só foi possível pelo conhecimento historicamente produzido até então, assim como



pela atividade política da classe trabalhadora assalariada que se fortalecia” (MORAES, 2021, p. 3).

Destacamos, ainda, que o conhecimento produzido não pode ser desvinculado da prática-histórico-social, ou seja, a práxis, uma vez que, segundo Frigotto (2001), o conhecimento ampliado permite, ou deve permitir, uma ação mais consequente, avançada, que por sua vez vai tornando o conhecimento ampliado base para uma nova ampliação e para uma prática que transforme a realidade anterior no plano do conhecimento e no plano histórico-social. Nesse processo, cabe à educação possibilitar aos sujeitos a apropriação de conhecimentos, valores, habilidades e atitudes indispensáveis para que se tornem membros do gênero humano. Assim, “A política pensará em atacar (...) as condições de acesso, as condições de permanência, e as condições de continuidade (...) considerando (...) os professores, as escolas, as instâncias públicas, movimentos sociais, entre outros” (COLARES; ASSIS; PEREZ, 2018, p. 206).

Portanto, as nossas pesquisas em políticas educacionais, poderão contribuir para a formação de sujeitos com a capacidade de refletir, pensar e agir em favor da construção de uma nova sociabilidade. Ou seja, que os nossos estudos cooperem tanto para o desvelamento do real, quanto para a modificação da realidade em função da emancipação humana.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **A periodização e a ciência da história: observações preliminares**. Rio de Janeiro. [Mimeo]. 1997.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. O mito do método. In: **Boletim Carioca de Geografia**. 1976.

COLARES, Anselmo Alencar. História da educação na Amazônia. Questões de Natureza Teórico-metodológicas: Críticas e Proposições. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 11, n. 43e, p. 187-202, 2012. DOI: 10.20396/rho.v11i43e.8639960. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639960>

COLARES, Lília Imbiriba Sousa Colares; ASSIS, Ana Elisa Spaolonzi Queiroz; PEREZ, José Roberto Rus. Dimensões a serem consideradas para a discussão de políticas educacionais na realidade amazônica. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 14, n. 27, 2018. DOI:



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.65475

Maria José Pires Barros Cardozo, Maria Lília Imbiriba Sousa Colares e Anselmo Alencar Colares
Apontamentos para a análise das Políticas Educacionais a partir do Método Histórico-dialético

10.22481/praxis.v14i27.2926. Disponível em:
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/2926>

COLARES, Anselmo Alencar; ARRUDA, Elenise Pinto de; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. O materialismo histórico dialético aplicado na compreensão do fenômeno educacional. **Cenas educacionais**, V. 4, p. E11448, 8 Jun. 2021.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CHAGAS, Eduardo F. **O método dialético de Marx**: investigação e exposição crítica do objeto. 2011. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1036/1460>

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

ENGUITA, Mariano Fernández. **Trabalho. Escola e ideologia**: Marx e a crítica da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional** (p. 69-79). São Paulo: Cortez, 2001.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 2013.

KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o barão de münchhausen**: Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1994.

MARX, Karl. **O capital**. V. 1, L. 1. Tomos 1 e 2. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos, filosóficos e outros textos escolhidos**. (Os pensadores). 5 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

MEZÀROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MEZÀROS, István. **Estrutura social e formas de consciência**: a determinação social do método. São Paulo: Boitempo, 2009.

MORAES, Leandro Eliel Pereira de. de. Materialismo Histórico e Dialético: perspectivas metodológicas introdutórias. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. e020196, 2021. DOI: 10.24065/2237-9460.2021v11n1ID1743. Disponível em:
<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1743>

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n.1, p. 1-18, e-rte321202348, 2023.



MÜLLER, Marcos Lutz. Exposição do método dialético em “o Capital”. In: **Boletim SEAF** (p. 17-41), n. 2. Belo Horizonte, 1982.

ZÚÑIGA, Luis Carlos Morales. Educación y sociedad: apuntes para una aproximación a la praxis educativa desde el marxismo. **Actualidades Investigativas en Educación** [Volumen 9, Número 2, p. 1-13]. Revista Electrónica publicada por el Instituto de Investigación en Educación Universidad de Costa Rica, 2009. ISSN 1409-4703. Disponível em: <http://revista.inie.ucr.ac.cr>

NOTES FOR THE ANALYSIS OF EDUCATIONAL POLICIES FROM THE HISTORICAL-DIALECTICAL METHOD

ABSTRACT

This article aims to deal with the investigative paths of educational policies that are based on historical-dialectical materialism. It is anchored in bibliographic studies and in the experience of studies and research developed throughout our academic and teaching trajectory. We situated the Historical-Dialectical Method (MHD), highlighting the relationship of organicity between the process of knowledge production and the historical-social reality in the appropriation of the real in its concreteness, genesis and multiple determinations. We focus on the subject-object relationship, the categories contradiction, totality, reproduction, mediation and hegemony; we highlight the question regarding the choice of the type of research and procedures for data collection and synthesis. We conclude that research on educational policies can contribute both to the unsealing of the real and to the transformation of reality into a function of human emancipation.

Keywords: Dialectical method. Research. Methodology.

APUNTES PARA EL ANÁLISIS DE LAS POLÍTICAS EDUCATIVAS DESDE EL MÉTODO HISTÓRICO-DIALÉCTICO

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo abordar los caminos de investigación de las políticas educativas que se basan en el materialismo histórico-dialéctico. Está anclado en los estudios bibliográficos y en la experiencia de estudios e investigaciones desarrolladas a lo largo de nuestra trayectoria académica y docente. Situamos el Método Histórico-Dialéctico (MHD), destacando la relación de organicidad entre el proceso de producción de conocimiento y la realidad histórico-social en la apropiación de lo real en su concreción, génesis y múltiples determinaciones. Nos centramos en la relación sujeto-objeto, las categorías contradicción, totalidad, reproducción, mediación y hegemonía; destacamos la cuestión



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.65475

Maria José Pires Barros Cardozo, Maria Lília
Imbiriba Sousa Colares e Anselmo Alencar Colares
**Apontamentos para a análise das Políticas
Educativas a partir do Método Histórico-
dialético**

relativa a la elección del tipo de investigación y los procedimientos para la recopilación y síntesis de datos. Concluimos que la investigación sobre políticas educativas puede contribuir tanto al desempaquetado de lo real como a la transformación de la realidad en función de la emancipación humana.

Palabras clave: Método dialéctico. Investigación. Metodología.

Submetido em: janeiro de 2023.

Aprovado em: maio de 2023.

Publicado em: julho de 2023